> Um encontro com Ferreira Gullar

> An encounter with Ferreira Gullar

por Ana Paula Kojima Hirano

Doutora em literatura e cinema no departamento de Romance Languages and Literatures (RLL) e Visual Environmental Studies (VES) pela Harvard University. Na tese intitulada "A terceira margem do Rio: relações raciais sob as lentes de Eduardo Coutinho", discute o modo como as relações raciais e suas intersecções com as questões de gênero e classe são mostradas sob as lentes de Eduardo Coutinho. É co-diretora do filme *One Day We Arrived in Japan*, documentário sobre a imigração e adaptação de famílias brasileiras à vida e ao trabalho nas fábricas no Japão. Bacharel em economia pela Universidade de São Paulo (USP), escreveu sua monografia sobre as transformações no mundo do trabalho. Atualmente é pesquisadora associada na Universidade Harvard e dedica-se a investigar questões de desigualdade social, relações raciais e as intersecções entre história, literatura e cinema. E-mail: anapaula.hirano@gmail.com. ORCID: 0000-0003-1665-9670.

> Entrevista recebida em 09.04.2021 e aceita em 10.05.2021.

Nota da autora

Um encontro com Ferreira Gullar compartilha com os leitores as muitas formas em que uma coisa está em outra. O momento transformador desse encontro marcado entre entrevistador e entrevistado se manifesta aqui em forma de reflexão, diálogo, relato, memória, ensaio fotográfico e, também, poesia.

*O homem está na cidade
como uma coisa está em outra
e a cidade está no homem
que está em outra cidade*

Ferreira Gullar

*O poeta estava na cidade
como a poesia estava em outra
e a cidade está no poeta
que deixou de estar na cidade*

Ana Paula Hirano

Acredito ter sido umas das últimas pessoas a entrevistar Ferreira Gullar. Compartilho nas páginas a seguir os trechos, fotografias e lembranças que guardo desse encontro na cidade onde já não vive mais o seu grande poeta. Era para ser uma entrevista para um projeto¹ que deixou de existir e agora que me reencontro com o material, tenho tantas perguntas que deixei de fazer. Hoje as minhas questões seriam outras e as imagens teriam luzes, ângulos e focos diferentes.

¹ Ana Paula Kojima Hirano, *Intertwining Stories of “Cabras” in Ferreira Gullar and Eduardo Coutinho: Within and Beyond the History of Peasant Movement in the Northeast Brazil in the Context of the Cold War and the Military Dictatorship*, 2006.

Minha missão naquela manhã ensolarada do dia 8 de agosto de 2016 era entrevistar o poeta que estava na cidade onde aconteciam as olimpíadas.² Caminhei do Leme até Copacabana onde me reuni com ele no seu apartamento. Descobri naquele dia o seu amor pelos gatos, a beleza poética de suas colagens e o nosso entrevistado revelou que tinha deixado de escrever poesia. Nos poucos mais de 56 minutos de gravação, a conversa foi muito pautada pelos meus interesses de pesquisa da época, que tinha como objeto principal os anos de Ferreira Gullar no CPC, os anos de clandestinidade e exílio e os livros escritos durante e depois daqueles anos.

Hesitei muito em publicar sobre esse encontro, pois alguns meses depois, no dia 4 de dezembro, Rio de Janeiro, São Luís, o Brasil e o mundo se despediam de José Ribamar Ferreira, que esteve em tantos lugares e que foi tantos: poeta,

² Agradeço a generosidade de Maria Amélia Mello e Jacques Fux por viabilizar esse encontro. Estendo os meus agradecimentos ao DRCLAS-Harvard por financiar a minha pesquisa.

crítico de arte, narrador, exilado político, artista, escritor, jornalista, amigo, pai, avô, amante de gatos. Escrever e publicar é ao mesmo tempo eternizar e fixar possíveis sentidos. Do mesmo modo que sinto hoje que teria feito esta entrevista de um outro modo, não sei se algumas das coisas das quais falamos, teriam sido ditas no contexto atual. Por isso, para mim é importante dizer que esta entrevista contempla apenas alguns recortes de Ferreira Gullar, pois “variados são os modos como uma coisa está em outra coisa”³.

Trechos do início da entrevista, quando perguntei sobre os anos de clandestinidade no Rio de Janeiro e os anos do exílio:

F.G. | Quando prenderam os membros da direção e começaram a torturá-los, o partido me avisou disso e, temendo que eles torturados confessassem coisas como quais são os membros todos da direção, me aconselhou a sair de casa porque eu corria o risco de ser preso também. Então aí eu fui para a clandestinidade. Como a coisa foi piorando, eu não tive a condição de voltar à situação normal da minha vida civil. Então eu tive que ir para o exílio, porque não dava para continuar aqui.

A.P.H. | Nesse período em que o senhor ficou na clandestinidade e depois foi para o exílio, para a URSS como ficou a relação com a escrita, com a poesia?

F.G. | Não, nessa época eu não estava pensando em escrita. Tava preocupado com a minha sobrevivência, não tava pensando nisso.

A.P.H. | Porque vários dos poemas vão surgir depois, como o Poema Sujo, depois de 76, no período do exílio...

F.G. | Nesse período de clandestinidade no Rio, eu não escrevi nada não. Eu só tava preocupado em sobreviver, não tava preocupado com literatura, não.

A.P.H. | E aí na época do exílio, quando o senhor esteve na URSS...

³ Ferreira Gullar, *Poema Sujo*, 1975.

F.G. | Aí foi diferente, porque ali eu não temia nada, tava longe da repressão e aí foi uma outra experiência.

Eu queria entender como a experiência traumática dos anos da Ditadura no Brasil transformou Ferreira Gullar e a sua escrita. Talvez hoje eu teria perguntado isso em comparação ao que o impulsionava a escrever antes na sua experiência com o concretismo e o neoconcretismo. Como relatado em livros e outras entrevistas, Ferreira Gullar não sabia se sairia vivo da situação em que se encontrava na Argentina. Na nossa entrevista ele reconta essa experiência e diz por que o Poema Sujo é diferente e marca uma mudança na sua relação com a poesia: “Porque a partir daí, a minha poesia muda de rumo e aí a coisa política diminui na minha vida. A preocupação política diminui e a minha poesia vai se tornando outra.”

A.P.H. | E como esses anos no exílio influenciaram, por exemplo, o livro que vem depois, *Vanguarda e Subdesenvolvimento*, que foi publicado em 1978,

sobre a interpretação das obras de arte depois que você volta para o Brasil do exílio? Depois eu vou voltar para esta pergunta, porque eu quero perguntar sobre o *Poema Sujo*. Mas a pergunta é sobre esses anos de exílio e de como as questões históricas dos anos em que você esteve exilado e na clandestinidade, influenciaram o livro *Vanguarda e Subdesenvolvimento*? E gostaria de pensar no que seria então essa vanguarda e a ideia de obra aberta que o senhor cita sobre o Umberto Eco, em contraposição à obra de vanguarda.

F.G. | Não entendi a pergunta. Qual é a pergunta?

A.P.H. | Se esses anos de exílio e também o tempo que o senhor passou na URSS, no Chile ou na Argentina de alguma forma influenciaram nas suas interpretações e quais foram...

F.G. | É que as coisas vão mudando à medida que você vai, muda de país, muda de situação e você vai também pensando e refletindo, então as coisas vão mudando. Quando eu saí da URSS eu fui para o Chile porque tinha terminado o tempo que eu poderia ficar na URSS, que era em geral um ano, porque o curso durava um ano e eu, no meu caso, fiquei dois anos. Então eu tive que sair de lá. Não poderia continuar. Então a conselho da própria direção do partido e das informações que se tinha eu fui para o Chile, que era o país dirigido pelo presidente Allende, que era socialista e então era um lugar propício para uma pessoa clandestina como eu. Vários exilados foram para lá também porque era uma forma de se livrar da repressão. A minha experiência no Chile não durou muito porque o Allende foi derrubado depois de cinco meses que eu cheguei lá. Foi derrubado, suicidou-se, então eu tive que sair do Chile. De qualquer maneira, inclusive correndo risco antes de ser preso, de desaparecer assim como outras pessoas que lá foram levadas para a base aérea, onde eles eliminaram as pessoas. De modo que eu dei sorte de não ser levado para lá. Assim que pude, eu saí de Santiago do Chile, fui para Buenos Aires e de lá fui para Lima no Peru em função do interesse dos meus filhos que queriam ir para o Peru porque eles eram surfistas e eu tinha saudades deles e achava que já tinha criado problemas demais para eles. Então encontrei a minha mulher e os filhos. Mas lá no Peru não tinha condições de sobreviver, condições de trabalho para sobreviver. Foi quando eu

fui convidado para ser professor visitante da Universidade de Buenos Aires. Perguntaram se eu queria. Eu falei que aceitava, eu queria sair de Lima. Então fui para Buenos Aires sozinho inicialmente pensando em depois chamar a família. Mas quando eu cheguei em Buenos Aires, no mesmo dia, o Perón tinha morrido e conseqüentemente o pessoal que tinha me convidado ia perder o poder, ia perder a influência que tinham na universidade. Então, o convite foi desfeito e começou logo em seguida uma conspiração para derrubar logo em seguida a Isabelita, mulher do Perón que assumiu o governo. Então a minha situação ficou difícil e a família voltou para o Brasil e eu fiquei lá vendo de que maneira sobreviver ali naquelas condições. Foi ali então que eu pensei em ir para a Europa, mas o meu passaporte estava vencido. Então eu fui à embaixada do Brasil pra pedir um novo passaporte e a embaixada se negou a dar um novo passaporte. O que é um absurdo, porque qualquer cidadão deve ter direito a um passaporte, mas como eu era comunista, a embaixada democrática decidiu não me dar o passaporte. Eles ameaçaram inclusive em apreender o passaporte, aí eu falei que eu iria para a imprensa se eles fizessem isso, eu iria para imprensa denunciá-los naquela mesma hora. Aí eles me devolveram o passaporte com uns carimbos deste tamanho, em todas as páginas do passaporte, o que o tornava absolutamente inútil. Aí não tinha como resolver mais, eu estava condenado a ficar em Buenos Aires, ou sair, mas os países em volta já eram tudo ditadura. Então... o *Poema Sujo* nasce desta situação. Com o fato que eu não podendo sair e o golpe militar se aproximando. Porque as informações que eu tinha de jornalistas, argentinos, amigos, intelectuais e companheiros argentinos era que o golpe estava em marcha e não tinha como detê-lo. Eu então não podendo sair e sem saber o que ia acontecer comigo ali, decidi escrever este poema como se fosse a última coisa da minha vida. Disse enquanto é tempo, eu falei, vou escrever tudo que me falta escrever ‘porque eu não sei o que vai acontecer comigo’ e o *Poema Sujo* nasceu disso, ele surgiu assim. Um belo dia, eu deitado na cama, eu comecei a imaginar como seria esse poema, como ele começaria. Porque eu não sabia o que eu ia dizer, porque eu não tinha nem ideia. Eu só sabia que tinha que escrever o poema. Então eu imaginei vomitar a minha vida no papel, ao invés de escrever uma coisa lógica. Imaginei vomitar a minha vida no papel sem lógica nenhuma e criar uma espécie de magma e de lá extrair o poema depois desta massa

incongruente que eu ia vomitar. Mas aí na hora que fui escrever, isso foi de noite, no dia seguinte quando fui me sentar à máquina para vomitar, eu não vomitei nada, porque a linguagem não tem garganta. Não posso meter o dedo. Então eu não podia fazer o que eu tinha imaginado. Por isso, o poema começa sem sentido. Os primeiros versos não têm sentido. É como se fosse o vômito: “Turvo, turvo, turvo...” Não quer dizer nada aquilo ali... aquilo é o ruído da vida. O poema vai nascendo assim, até que uns versos depois ele começa a ter sentido e começa a surgir e nasce. Então o poema nasceu assim. Então estas mudanças, que são coisas que você não governa... ir para o Chile, morre o Allende... isso tudo que eu estou contando para você, me levou a escrever esse poema que não é um poema político. Ele é isso, ele é um poema de uma situação política, de um impasse, mas o objetivo dele não é fazer denuncia política... é a minha vida. Mas ele está carregado consequentemente das coisas vividas e das coisas políticas e das outras coisas que não são políticas. A verdade é que durante cinco meses eu fiquei escrevendo este poema, eu não fazia outra coisa na vida a não ser andar pela rua inventando coisa para escrever, voltar para casa e escrever e voltar para a rua até eu ter terminado. Então ele é diferente e ele marca uma mudança na minha relação com a poesia. Porque a partir daí, a minha poesia muda de rumo e aí a coisa política diminui na minha vida. A preocupação política diminui e a minha poesia vai se tornando outra.

Antes da entrevista, na minha interpretação, *Poema Sujo* era um de seus poemas mais políticos diferente de *João Boa Morte Cabra Marcado para Morrer*, mas muito político. Mas realmente, como define Ferreira Gullar, esse poema não é um poema político: “ele é um poema de uma situação política, de um impasse, mas o objetivo dele não é fazer denúncia política... é a minha vida.”

A.P.H. | Poderia se dizer que, a partir do *Poema Sujo*, Ferreira Gullar ou o José Ribamar Ferreira entra mais como o objeto da sua própria obra de arte?

F.G. | É, de certo modo sim, mas o que é, é que sempre você está presente no que você faz. Mesmo quando você faz um poema político como o *João Boa Morte*. Eu escrevi o *João Boa Morte* porque sou nordestino, porque eu conheci gente do interior do Maranhão, sertanejos e tal. Quer dizer, você sempre está

presente no que você faz. Então, às vezes está mais presente conforme seja o rumo que a sua poesia tome. Mas você tem razão, na medida em que essas mudanças foram se dando, a minha poesia foi se tornando mais pessoal, menos social no sentido de tentar expressar problemas gerais, problemas sociais, problemas políticos e ideológicos. Se tornou outra coisa.

Revisitando o material desta entrevista, depois de ter escrito uma tese sobre os documentários do Eduardo Coutinho, ficaram muito mais latentes para mim as questões de como construímos uma narrativa e de como cada foto, cada ângulo e cada pergunta tem uma intenção, tem uma perspectiva e um recorte. Também, revisitando esse outro tempo e espaço da entrevista, vi que nem tudo cabia aqui, pois a passagem do tempo e palavras ditas naquele momento pertenciam a outros contextos. Neste outro trecho que compartilho abaixo faço uma seleção e um recorte como das colagens que vemos na imagem acima. Mostro apenas uma pequena parte do que ficou do avesso nestas folhas.

F.G. | Você pode estar errado na sua generosidade. Você tá sendo generoso, mas tá no caminho errado. O próprio socialismo é isso. O sonho do Marx de mudar a sociedade e criar um mundo sem desigualdade é maravilha! É uma coisa generosa! E ele conseguiu uma coisa que foi a luta pelos direitos dos trabalhadores que no século XIX, não tinham direito algum. Não tinha jornada de trabalho estabelecido. O patrão colocava você para trabalhar 10h, 12h, 15h, o quanto ele quisesse. Não tinha aposentadoria, era até morrer! Não tinha nada! Não tinha direito algum! E ele foi um dos intelectuais que começaram a lutar contra isso e mudar a relação capital-trabalho no mundo. Se hoje existe aposentadoria, direitos trabalhistas, isso se deve a ele! Onde é que ele errou? Ele errou quando ele disse que só o trabalhador produz riqueza e que o patrão só explora. Aí tá errado. Sem o patrão, não há riqueza. Sem o empreendedor não há a empresa. Eliminar a iniciativa privada foi o que derrotou o socialismo.”

Esse trecho da conversa toca no assunto do socialismo, do comunismo e da divergência de Ferreira Gullar com a ideia de luta armada defendida por Mário Alves e Marighella. O nosso entrevistado compartilha as suas ideias e interpretações da sociedade e da história. Uma história que ele viveu intensamente.

FG | Quer dizer, a coisa é generosa, mas não basta ter razão para estar certo. Você pode ter razão e estar errado. É justo lutar por uma sociedade igualitária e isso é correto! Agora, mas deve saber como. Por onde e qual é o caminho certo porque se não você vai criar o contrário como no caso da própria União Soviética. Milhões de pessoas que o Stalinismo liquidou. Porque aí você cria uma verdade sobre a qual não se pode discutir. Que não pode ser questionada. Quem questionar é assassinado, é banido!”

Refleti bastante ao transcrever estas linhas sobre as minhas posições em relação a estas falas e também a respeito de “estar errado na nossa generosidade.” Decidi não publicar toda esta parte da entrevista que é bastante longa, mas achei importante colocar alguma das questões postas. Realmente às vezes com as melhores intenções, podemos errar. Com o tempo e a vida também nos transformamos e mudamos. Mais adiante na entrevista perguntei:

A.P.H. | Mas antes do golpe militar no Brasil e de tudo o que você passou na sua vida como clandestino, você acreditava que era possível fazer a revolução e que era possível estabelecer uma sociedade socialista no Brasil?

F.G. | Sim, tanto que eu entrei no Partido [Comunista] por isso, porque achava que era certo. Porque eu não tinha consciência dessas outras questões. Porque foi a própria história que nos ensinou. O próprio fracasso do socialismo real mostrou, fez a gente refletir por quê que aconteceu. Por que eu quando cheguei em Cuba em 80 e poucos, parecia que eu tava no século XIX. Tudo velho! Os carros velhos. Eu quando entrei numa loja de arquitetura em Moscou, parecia que eu tava no século XIX. Mas quando eu entrei numa loja de arquitetura em Paris era um negócio super moderno, compreende? Por que é isso? Porque eu costumo dizer o seguinte, o grande defeito da empresa estatal, sabe qual é? O dono está ausente, que é o povo. [...] A intenção... sociedade absolutamente justa é impossível, sabe o porquê? Ninguém é igual ao outro. Você conhece alguém igual você?

Ferreira Gullar me disse também que fazia dez anos que não escrevia poesia, pois sem o espanto não havia poesia. Nos últimos anos, dedicava-se a escrever crônicas e ensaios em jornais e se dedicava a uma nova atividade manual, as suas colagens.

A.P.H. | Uma pergunta que estou elaborando agora... então por que não escrever uma poesia que fala sobre isso que o senhor está falando agora? Porque eu me lembro que você falou que a sua poesia nasce do susto, ela nasce de alguma coisa que provoca algo...

F.G. | Ela nasce do espanto.

A.P.H. | Sim, do espanto! Como escolher sobre o que escrever ou não tem como escolher? Ela nasce, ela vem e você escreve...

F.G. | Não tem como escolher. Tanto que faz 10 anos que eu não escrevo. Eu não vou escrever besteira. Se não houver espanto, vai sair bobagem. Então eu não escrevo. É só isso. Alguns poetas brasileiros, grandes poetas, desconheciam isso e no final da vida escreveram bobagem.

A.P.H. | E nesse aspecto então a diferença entre escrever a poesia e escrever por exemplo os artigos de jornal... No artigo, eu decido. Eu não preciso do espanto para escrever o artigo. Eu estou escrevendo sobre uma coisa lógica da vida, do que está acontecendo. Critico o governo, critico a sociedade, critico a prefeitura, o que fez errado. É isso. Não é poesia isso. E nisso eu ajudo a cidade, eu ajudo a mudar as coisas mais do que eu escrever um poema louco que ninguém vai ler e não vai mudar nada. É melhor escrever uma crônica em que eu coloco as questões. Eu recebo dezenas de telefonemas de gente na rua dizendo: “é isso mesmo! Você está dizendo as coisas!” Então a função que a poesia não tinha, a crônica tem.

Perguntei então se além das crônicas ele se dedicava a outros passatempos. Principalmente coisas manuais, pois essa era uma pergunta que tinha a ver com questões minhas também pessoais.

A.P.H. | Eu queria pergunta sobre os seus passatempos, os seus *hobbies* porque eu vi também que têm as pinturas, as colagens...

F.G. | Meu passatempo tá aqui, ó. São as colagens... esta é a última colagem que eu fiz.

A.P.H. | Muito bonito! Posso tirar uma foto também?

F.G. | Pode... Ao invés de fazer um poema ruim, eu faço uma colagem bonitinha, em vez de eu ficar fazendo poema ruim.

A.P.H. | A pergunta sobre o passatempo é uma pergunta que para mim é interessante porque o meu professor de poesia e literatura na universidade, que inclusive sabe de cor o *Poema Sujo*, me disse, Ana Paula, se você quiser terminar a sua tese você tem que ter um passatempo. De preferência algo manual, porque senão você não termina a sua tese. E inclusive o meu terapeuta também falou, você precisa encontrar na verdade vários passatempos para você conseguir não só trabalhar, mas viver a sua vida.

F.G. | É, claro!

A.P.H. | Então a minha pergunta é sobre seus passatempos e como...

F.G. | Isso aí não é nem o meu passatempo. A verdade é que como eu não escrevo mais poesia. Porque também eu não decidi, não vou mais escrever poesia. Quem me dera amanhã eu escrever um lindo poema, quem me dera! Eu só não faço é uma coisa que eu sei que está errado. Não vou forçar a barra para fazer uma coisa que não vai sair legal porque não tem a essência que faz a poesia nascer, então não vou fazer. Tá certo? Mas isso aí, nasceu por acaso. Eu sempre gostei de pintura, aí comecei a fazer colagens. Aí as colagens foram mudando... aí um dia eu fui fazer uma colagem... e tá vendo aquela colagem verde ali?

A.P.H. | Ah, sim! Muito bonita!

F.G. | Aquele ali, eu ia fazer que tava cortando aquele papel verde para colar e aí o avesso dele era cinza. Aí apareceu o avesso. Aí invés de eu colar só no verde, eu coleí mostrando o avesso.

A.P.H. | Uma colagem tridimensional.

F.G. | Sim! E mostrando o avesso. Então é a revelação do avesso, que é o que eu chamo essas colagens que eu fiz. Aí quando eu fiz esse primeiro, eu descobri que eu tinha descoberto uma coisa.

A.P.H. | Ah, é verdade! Agora estou vendo que estão os papéis eles viram de um lado para o outro e tem a revelação da outra face.

F.G. | Sim, da outra face, entende? Então aí eu comecei a fazer porque eu descobri uma coisa que não existe. Aí veio um amigo meu que é *marchand de tableaux* que mora lá em São Paulo, o Peter que é dono galeria Dan, ele veio aqui para tratar de outro assunto, quando ele olhou assim ele falou: “Ué? Mas que negócio é esse, cara?” Eu falei, “são as colagens que eu tô fazendo”. Aí ele falou

assim, “mas isso não existe! Eu sou *marchand*, eu vivo pela Europa, não existe isso! Isso é uma invenção sua!” Eu falei, “é mesmo?” Aí pronto! Começou e falou: “vamos expor isso em São Paulo!” Aí eu falei, “mas em papel não pode ser porque vai machucar, vai rasgar. Tem que fazer em metal.” Aquele ali é em metal, aquele verde, atrás de você.

A.P.H. | Esse aqui? Mas parece papel!

F.G. | Parece papel, mas é metal. Aí arrumamos uma pessoa pra fazer em metal e fizeram a exposição em São Paulo. Trinta trabalhos. Venderam todos!

As obras de arte que ele me mostrou pareciam ser dentre as coisas que ele tinha mais orgulho de me mostrar naquele momento de sua vida em que ele havia deixado de escrever poesia. A série de colagens “a revelação do avesso” era uma de suas descobertas e paixões mais recentes, fazendo do papel uma alquimia sem palavras, mas com recortes, formas geométricas e cores. As colagens que Ferreira

Gullar disse que surgiram do acaso, fizeram-me lembrar das obras neoconcretistas da qual ele foi um de seus precursores, mas no dia da entrevista acabei não perguntando sobre essa possível relação.

Tantas coisas mudaram desde esse encontro. Ferreira Gullar deixou de estar na cidade onde estavam suas quitandas, praças e ruas. O professor que sabia de cor o *Poema Sujo* e que me falava da importância de um passatempo manual, assim como o meu terapeuta também se despediram deste mundo. As palavras, imagens e lembranças dessas pessoas estão em mim, mas não como se eles ainda estivessem na cidade. A alquimia da memória, com a ajuda dessas imagens e gravação me faz concordar com o poeta que “variados são os modos que uma coisa está em outra.”

F.G. | Arte é a alquimia que transforma sofrimento em alegria. A arte é isso.

A.P.H. | Bonito...

F.G. | É verdade! Por exemplo, se você está com dor de corno, tua namorada foi embora, você está sofrendo, mas se você escreve o poema você transforma aquilo numa coisa comovente, numa coisa bonita que o outro vai ler e vai se comover. Vai ter alegria de descobrir a beleza que tem naquelas palavras. Então vira alegria aquilo que era sofrimento. Ninguém faz arte para massacrar o outro. Nem para se massacrar. Você transforma como numa alquimia. Você transforma o teu sofrimento, o Poema Sujo é isso! O desespero que eu tava! Eu transformo aquilo numa coisa que comove as pessoas e que dá consequentemente alegria porque elas também não vão pagar o preço de estar lá no exílio, compreende? Você tem o conhecimento daquilo, a experiência, a emoção sem pagar o preço. Então a verdade é isso. A arte é alquimia que transforma sofrimento em alegria, em felicidade.

A.P.H. | Eu acho muito bonito na sua poesia, quando o senhor fala no *Poema Sujo* “a cidade não está no homem do mesmo modo que as suas quitandas, praças e ruas...

F.G. | E ruas. O homem está na cidade como uma coisa está em outra... E a cidade está no homem que está em outra cidade, que era eu, né?

A.P.H. | Que estava em Bueno Aires...

F.G. | Que estava em Buenos Aires e em mim estava São Luís, a cidade onde eu nasci.

A.P.H. | Isso que era interessante, né, porque era São Luís, mas no final das contas, a maior parte da sua vida você passou no Rio de Janeiro.

F.G. | É o Rio também, né... é... aquilo era o Brasil... é “o homem está na cidade como uma coisa está em outra e a cidade está no homem que está em outra cidade...” é isso aí.

A.P.H. | Muito obrigada!

F.G. | Tá bom! Eu tô cansado já de falar.

A.P.H. | MUITÍSSIMO obrigada!

F.G. | Falei demais! Muito bem! Se você quiser fotografar mais alguma coisa aí, você fotografa...

Saí da entrevista naquele dia sentido que queria ter podido passar mais tempo. Eram muitos os modos em que Ferreira Gullar esteve neste mundo. Como o grande poeta nos ensinou, são muitos os modos em que uma coisa pode estar em outra. Sua arte também mostrou que até mesmo o papel tem mais de um lado: o avesso, o contrário e por que não, o contraditório? Foi belo revisitar esse encontro, pois vi a importância de se permitir transformar e se permitir estar em suas colagens, poesias, críticas, entrevistas esculturas e nessas fotos. O que diria o grande Ferreira Gullar se estivesse aqui conosco hoje? Deste grande espanto do mundo que vivemos em meio a uma pandemia, haveria alquimia para transformar a dor em poesia?

Referências

GULLAR, Ferreira. *Cultura posta em questão: vanguarda e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

GULLAR, Ferreira. *Poema Sujo*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

GULLAR, Ferreira. *Rabo de foguete: os anos de exílio*. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1998.

GULLAR, Ferreira. *Romances de Cordel*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Referência para citação desta tradução

HIRANO, Ana Paula Kojima. Um encontro com Ferreira Gullar. **Revista PHILIA | Filosofia, Literatura & Arte**, Porto Alegre, volume 3, número 1, p. 396 – 413, maio de 2021.